

MEMES DO FACEBOOK: UMA ANÁLISE DAS MÁXIMAS CONVERSACIONAIS

Aleise Guimarães Carvalho (UFPB/PROLING)¹

aleiseguimaraes@bol.com.br

Alessandra Magda de Miranda (UFPB/PROLING)²

alessandra_ufpb@hotmail.com

Ms. Dalva Lobão Assis (UEPB-UFPB/PROLING)³

dalvalob@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O surgimento de um gênero discursivo/textual pode estar relacionado à ocorrência de novas motivações sociais, de novas circunstâncias e/ou suportes de comunicação. Um exemplo disso é o gênero *Meme do facebook*, texto de caráter humorístico, que emergiu mediante a evolução do meio virtual e da conseqüente propagação das redes sociais.

Tal gênero é veiculado na rede social *facebook*, nova esfera comunicativa, cujo surgimento ocorreu nos últimos dez anos, fato que justifica a pouca quantidade de estudos acadêmico-científicos que abordem este gênero. Assim, dado este ineditismo do *Meme do facebook*, vislumbramos, no presente estudo, analisá-lo a fim de caracterizá-lo como gênero discursivo.

Para tanto, tomaremos como base os critérios linguístico-discursivos propostos pela teoria bakhtiniana (2010 [1992]), a saber: *conteúdo temático* (tipo de assunto que é veiculado e que depende da esfera sociocultural em que circula determinado gênero); *estilo* (seleção lexical, gramatical, frasal, as escolhas os itens linguísticos, ou seja, a forma de dizer); e *construção composicional* (estrutura específica dos textos, geralmente padronizada).

Levando em consideração o caráter humorístico do gênero, pretendemos também analisar como a quebra das Máximas Conversacionais, de Grice (1975/1982), operam na construção do humor neste texto. Esta pesquisa é, portanto, de cunho bibliográfico e qualitativo, que tem como *corpus* cinco *Memes do facebook*. Para tanto, tomaremos como pressupostos teóricos os postulados de Armengaud (2006), Espíndola (2010), Levinson (2007), abordando a teoria das Máximas Conversacionais; Bakhtin (2010), Bronckart (2009), Marcuschi (2001), entre outros, no que concerne ao surgimento e definição de gêneros.

Deste modo, apresentaremos inicialmente algumas considerações relacionadas à definição de um texto enquanto gênero discursivo à luz da teoria Bakhtiniana analisando o *Meme do facebook*, com o propósito de defini-lo linguístico-discursivamente. Em seguida, abordaremos brevemente algumas questões a respeito da construção do humor no texto e os estudos de Grice (1975/1982) no tocante ao Princípio da Cooperatividade e das Máximas Conversacionais. Por conseguinte, analisaremos o *corpus* selecionado sob o viés destas concepções teóricas e, por fim, apresentaremos breves considerações finais em torno do estudo realizado.

¹ Mestranda em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da UFPB, bolsista CAPES e vinculada ao projeto Estudos Semânticos Argumentativos de Gêneros do Discurso (ESAGD), financiado com recursos do CNPq.

² Mestranda em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da UFPB.

³ Professora efetiva na UEPB e doutoranda em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da UFPB.

1. GÊNEROS DISCURSIVOS: DEFINIÇÃO SOB A ÓTICA BAKHTINIANA

Todos os enunciados construídos estão moldados em gêneros discursivos, a partir dos quais nos comunicamos e interagimos socialmente. Estes estão por toda parte, todas as esferas sociais possuem textos específicos, que são relativamente padronizados e tendem a circular em determinado campo discursivo. Desta maneira, é muito grande a diversidade de gêneros.

Segundo Bakhtin (2010 [1992]), todos os nossos enunciados são estruturados e construídos a partir de gêneros do discurso, nós os utilizamos de maneira natural, sem suspeitar da sua existência. Para Marcuschi (2008, p. 16), eles “são rotinas sociais de nosso dia-a-dia”.

Bakhtin (2010 [1992], p. 262) ainda afirma que a imensa diversidade de gêneros discursivos se justifica pelo fato de serem “inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana” e que a cada esfera destas atividades e ações humanas é integral um grande número de gêneros do discurso, sendo estes maleáveis e dinâmicos, ou seja, este número de textos cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e torna-se mais complexo uma determinada esfera social.

Assim sendo, a partir das mudanças sociais, culturais, históricas e tecnológicas, gêneros surgem como também desaparecem. O que rege o aparecimento e o desaparecimento destes são as necessidades discursivas: “Gêneros emergem nos processos sociais em que as pessoas tentam compreender umas às outras suficientemente bem para coordenar atividades e compartilhar significados com vistas a seus propósitos práticos” (BAZERMAN, 2006, p. 31). Segundo Marcuschi (2007/2008), eles surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, como também, por causa das inovações tecnológicas. Portanto, os gêneros são flexíveis e variáveis tais como seu componente crucial, que é a linguagem.

Corroborando com esta ideia, Bronckart (2009) afirma que os novos textos emergem a partir do surgimento de novas motivações sociais, podendo ser sucessivo ao aparecimento de novas circunstâncias de comunicação ou pelo aparecimento de novos suportes de comunicação. O gênero *Meme do facebook* emergiu a partir dos avanços tecnológicos. Por meio da grande popularização desta rede social, a interação virtual e, ao mesmo tempo, social é estabelecida e permite o nascimento de novos gêneros. Este texto, em específico, tem o caráter de entretenimento e, por sua vez, apresenta uma forte característica humorística, atuando com a funcionalidade de divertir os usuários do *facebook*.

A partir desta funcionalidade, percebemos a necessidade de uma definição científico-acadêmica para o gênero em questão. Para tanto, Bakhtin (2010 [1992]) propõe três critérios linguístico-discursivos para definir e classificar um gênero discursivo. Segundo o autor (2010 [1992], p. 281), o primeiro critério é o *conteúdo temático* que está relacionado à “exauribilidade do objeto e do sentido”, ou seja, o assunto que será abordado em determinado gênero. Cada gênero, por si mesmo, já determina teoricamente o assunto e conteúdo. Desta maneira, o assunto/objeto do discurso/conteúdo que será aplicado a um gênero, pode sofrer um tratamento adaptativo ou não, ou seja, poderá ser moldado ou não, isto será determinado pela necessidade da esfera comunicativa ou pela intenção do locutor. Costa (2009, p. 18) aborda os três critérios de definição de gênero apresentados por Bakhtin e afirma que os conteúdos temáticos “são e se tornam dizíveis pelo gênero [...] e não por frases ou orações”.

Desta maneira, afirmamos que o *conteúdo temático* do *Meme* é relacionado aos assuntos do dia-a-dia, às interações sociais, às questões de relacionamento entre pais e filhos, namorado e namorada, patrão e empregados, professor e alunos, etc. São conteúdos corriqueiros, comuns no cotidiano de todos os que acessam a rede social e, por sua vez, atuam como forma de identificação do sujeito leitor com determinado assunto exposto, como poderemos verificar na análise mais adiante.

O segundo critério bakhtiniano é o *estilo verbal*, o que ele afirma ser o “projeto de discurso ou vontade do falante” (BAKHTIN, op.cit). Considera-se, neste critério, a escolha do léxico, os critérios gramaticais, a linguagem utilizada, a maneira de dizer em conformidade com o querer-dizer do locutor, ou seja, a entonação expressiva.

Quando escolhemos as palavras no processo de construção de um enunciado, nem de longe as tomamos sempre do sistema da língua em sua forma neutra, *lexicográfica*. Costumamos tirá-las de *outros enunciados* e antes de tudo de enunciados congêneres com o nosso, isto é, pelo tema, pela composição, pelo estilo; conseqüentemente, selecionamos as palavras segundo a sua especificação de gênero. O gênero do discurso não é uma forma da língua mas uma forma típica do enunciado; como tal forma, o gênero inclui certa expressão típica a ele inerente (BAKHTIN, 2010 [1992], p. 292, *destaques do autor*).

Nesta perspectiva, Costa (2009, p. 18) afirma que este é o critério referente às configurações específicas das unidades de linguagem e estão relacionadas aos “traços da posição enunciativa do locutor e os conjuntos de sequência textuais e de tipos discursivos que constituem a estrutura genérica”.

Desta feita, o *estilo verbal* presente no *Meme do facebook* é de um todo predominantemente coloquial, a linguagem informal do dia-a-dia. Desta forma, o locutor se utiliza de termos coloquiais e até mesmo vulgares, a exemplo de palavrões, para produção do texto verbal. Não existe a necessidade de comprometimento com a gramática da língua, pelo fato de este gênero descrever e revelar situações informais do dia-a-dia. Em alguns casos, a linguagem padrão é utilizada apenas como forma de produzir o humor, muitas vezes através da ironia, trocadilhos, ambigüidade, em termos linguísticos etc.

O terceiro e último critério bakhtiniano é a *construção composicional*, o que ele afirma serem *as formas típicas composicionais e de gênero do acabamento*. Segundo o autor, estas são formas estáveis, padronizadas socialmente a fim de legitimar os enunciados. “Falamos apenas através de determinados gêneros do discurso, isto é, todos nossos enunciados possuem *formas* relativamente estáveis e típicas de *construção do todo*” (BAKHTIN, 2010 [1992], p. 282, *destaques do autor*). Alguns gêneros possuem características estruturais que facilmente sinalizam a espécie de texto que são e nos permite reconhecê-los como tal. O gênero em estudo é um exemplo destes textos que possuem características de fácil identificação.

A *construção composicional* do *Meme* é sempre em forma de quadrinhos, geralmente em linha vertical, contendo imagens ilustrativas com personagens estruturalmente já definidos, contém texto verbal e não contém a assinatura do produtor apresentando, em alguns casos, apenas o site de publicação. Estes quadrinhos geralmente se configuram com sequência de fatos que formam uma breve história. Os personagens são os que atuam no desenrolar dos fatos e são desenhos graficamente produzidos no próprio computador, em forma de traços e/ou de imagens de pessoas.

Mediante o exposto, constata-se que o *Meme do facebook* se configura como um gênero de caráter discursivo, que pode evidentemente ser definido pelos os critérios bakhtinianos, dentre os quais destacamos, para os objetivos desse trabalho, o caráter humorístico do texto em estudo, cuja constituição poderá ser desvelada no item que se segue.

2. ALGUMAS PALAVRAS SOBRE O HUMOR

Levando-se em consideração que o humor é uma das características constitutivas do gênero *Meme*, vale à pena apresentar aqui algumas breves considerações sobre o humor na língua.

Sírio Possenti (1991), um dos linguistas brasileiros mais dedicados a essa questão, sobretudo ao estudo de piadas, mostra-nos que este (o humor) revela-se um campo de investigação linguística bastante frutífero, uma vez que se pode fazer pesquisas nos mais diversos níveis de estudo da linguagem: fonético-fonológico, morfológico, sintático, semântico, sociolinguístico, pragmático e discursivo.

Possenti (1998) ainda assinala que dados humorísticos da língua são do tipo crucial, a exemplo das piadas, tendo em vista que: (a) encontram-se em grande quantidade (provavelmente em todas as culturas); (b) são dados efetivamente enunciados pelos falantes, não necessitando ser criados *ad hoc* para experimentos-limite. Segundo as teses possentianas, para ilustrar hipóteses ou princípios de análise linguística, os dados humorísticos, no caso das piadas, não são dados forjados, por assim dizer, inverossímeis, mas são exemplos autênticos, a partir dos quais se pode explicar verdadeiros problemas de interpretação, procedendo às abstrações necessárias para exibir um mecanismo linguístico de um certo tipo.

O mesmo se pode dizer dos *Memes*, alvo de estudo da presente pesquisa. Além de constituírem uma fonte inesgotável e autêntica de dados humorísticos, eles exibem um funcionamento linguístico peculiar, cujo humor não pode ser medido apenas pela quantidade de riso provocada ou pelo seu efeito crítico-social, mas certamente pela *forma* como o humor se revelou para provocar tal riso ou tal crítica. Ou seja, para o linguista, o que deve importar é saber como o humor foi produzido, qual o ingrediente linguístico foi essencial para a sua realização ou, ainda, qual o mecanismo de linguagem favoreceu o efeito humorístico de determinado gênero discursivo.

Pereira (1994, p.58) foi muito oportuno ao elencar algumas características do humor, dentre elas:

- (a) Uma dualidade constitutiva, a contradição;
- (b) Um processo desmistificador, porque geralmente desvela o que se esconde;
- (c) A ruptura com o estabelecido;
- (d) A imprevisibilidade.

Tais características são muito bem vindas neste trabalho, uma vez que tentaremos analisar, a partir de um olhar pragmático, a quebra ou violação das ditas Máximas Conversacionais, propostas por Grice, fenômeno este que traduzirá, com fidedigna certeza, a contradição, a desmistificação, a ruptura e a imprevisibilidade constitutivas do humor nos *Memes* em estudo. Ora, sem querermos cair na obviedade que essa pesquisa possa parecer sugerir, pensamos que essa contribuição teórica de Grice para a Pragmática, poderá favorecer um ótimo referencial teórico para revelar e/ou explicar, e até caracterizar, o humor constitutivo do gênero discursivo em análise.

O *Meme*, do ponto de vista estrutural, apresenta-se, como vimos anteriormente, em forma de quadrinhos, cujo conteúdo, notada e surpreendentemente risível, deve se enquadrar num padrão de texto com início, meio e fim. É justamente nesse padrão, por assim dizer, que devem se realizar elementos tão dispersos, como o são as contradições, tensões, diferenças, rupturas, enfim, “quebras”, na esteira das palavras griceanas, em nome do efeito humorístico próprio desse gênero. As contribuições de Grice, além de se coadunarem com as características próprias do humor, são igualmente oportunas para revelar uma peculiaridade específica da comicidade que, a nosso ver, surge, nesse trabalho, como algo de extrema importância: a atitude de quem percebe a “quebra” ou ruptura no humor.

Propp (apud Massoni, 1995, p. 122), analisando os motivos do riso, estabelece duas condições para que o cômico ocorra:

- (a) Quem ri tem algumas concepções do que é certo, justo, correto, moral ou tem um certo instinto do que é considerado justo e conveniente;
- (b) Quem ri observa o que existe no mundo a sua volta algo que contradiz (rompe) esse sentido do certo.

Possenti e Coudry (1993, p. 50) são bastante contundentes ao afirmarem, por exemplo, que as piadas exigem que os interlocutores operem ativamente sobre as relações de sentido. Para esses autores, não lhes basta o conhecimento gramatical. Trata-se de fazer com que as expressões rendam o máximo de sentidos. Há todo um conjunto de saberes partilhados que entram em jogo na produção do sentido humorístico, demonstrando que os gatilhos humorísticos nem sempre são estritamente linguísticos, mas também pragmáticos. Tais ingredientes são bastante interessantes, principalmente num gênero como o *Meme*, em que a interlocução entre quem produz e quem recebe o texto se dá de forma imediata, autêntica e cujas rupturas nem sempre estão tão explícitas e nem sempre se dão de modo tão consciente quanto possa parecer. É justamente a surpresa dessas rupturas que nos proporcionará uma análise interessante da quebra das Máximas proposta pelo pragmaticista americano, no gênero em questão.

3. SOBRE O PRINCÍPIO DA COOPERATIVIDADE E AS MÁXIMAS CONVERSACIONAIS, DE GRICE

Herman Paul Grice, pesquisador muito importante no campo da Pragmática, considerou a linguagem como um instrumento pelo qual o locutor comunica ao destinatário suas intenções e nestas encontra-se implicitamente o sentido. Em alguns de seus estudos, ele empenhou-se em encontrar meio(s) pelo(s) qual(is) fosse possível descrever e explicar os efeitos de sentido que extrapolam o limite do que é dito, por defender a ideia de que a significação de um enunciado vai além do que é expresso literalmente.

Tal autor introduziu, nos estudos pragmáticos, a teoria do Princípio da Cooperação, que assegura que para haver comunicação é necessário que haja cooperação entre os usuários da língua. Assim, segundo Grice (1982, p.86), no momento da conversação, os participantes devem apresentar “sua contribuição conversacional tal como é requerida, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção do intercâmbio conversacional em que [...] está engajado”. Ao discorrer a respeito deste princípio, Cançado (2005, p. 134) afirma que este é bastante simples e “pode ser entendido como um princípio da economia ou de menor esforço do ato comunicativo”.

Assim, segundo a teoria griceana, encontram-se subjacentes ao uso cooperativo da língua quatro categorias (qualidade, quantidade, relação e modo), estas são compostas por máximas, que devem ser obedecidas para que a conversação seja bem sucedida. Levinson assegura que

essas máximas especificam o que os participantes têm de fazer para conversar de maneira maximamente eficiente, racional, cooperativa: eles devem falar com sinceridade, de modo relevante e claro e, ao mesmo tempo, fornecer a informação suficiente. (LEVINSON, 2007, p.127)

Para cumprir a Máxima da Quantidade, segundo Cançado (2005, p. 134), no momento da comunicação, o indivíduo deve fazer com que sua contribuição seja “tão

informativa quanto o necessário para o objetivo da comunicação”, ou seja, o participante deve ser informativo apenas o necessário, o essencial à situação.

Para a Máxima da Qualidade, Oliveira (2008, 135) afirma que o locutor deve fazer “com que sua contribuição seja verdadeira”, para atender essa máxima deve-se dizer apenas o que se tem certeza, evitando utilizar informações que sejam falsas ou que não possuam evidências adequadas.

A Máxima seguinte é a de Relação (Relevância), esta se refere à importância da contribuição do locutor para a comunicação. Segundo Oliveira (op.cit. p. 136), “a regra é simples: seja relevante. Isso quer dizer que você deve dizer coisas que estejam relacionadas ao tópico da conversa”. Assim, para obedecer a essa Máxima é imprescindível que o indivíduo ao dizer algo apresente contribuições pertinentes à comunicação.

Por fim, a quarta Máxima é a de Maneira ou de Modo. Para cumpri-la o locutor deve ser claro, breve, ordenado e evitar ambiguidades. Desse modo, podemos inferir que tal Máxima refere-se à clareza e objetividade da contribuição para a situação comunicativa.

Armengaud (2006, p.89) afirma que estas máximas constituem “o fundo tácito a partir do qual se interpreta a comunicação” e que seu uso é “sobretudo indireto”. Considerando que há um significado literal relacionado às palavras que permite que o ouvinte/leitor compreenda o que foi dito pelo falante/autor, a situação comunicativa é que permitirá ao ouvinte compreender o que o falante quis dizer com aquelas palavras.

Conforme foi mencionado anteriormente, estas Máximas contribuem para que os locutores colaborem no processo comunicativo. No entanto, o que acontece se não obedecermos todas essas Máximas? Segundo Oliveira (2008, p.135) “quando uma máxima é violada, ocorre aquilo que Grice chama de implicatura conversacional”, esta consiste na violação de qualquer uma das máximas descritas, seja esta violação intencional ou não. Kempson (apud. Cançado, 2008, p.136) afirma que as implicaturas conversacionais “são suposições acima do significado da sentença usada, [...] frente a uma violação aparentemente clara do princípio cooperativo, para interpretar a sentença do falante de acordo com esse mesmo princípio”. Dessa forma, percebemos que a transgressão dessas máximas também contribui para a comunicação, uma vez que através das implicaturas o falante pode inferir informações do contexto que são importantes para que se compreenda o enunciado.

4. ANÁLISE DO CORPUS

Conforme vimos anteriormente, o *Meme do facebook* tem como uma de suas principais características o humor, assim, considerando o exposto a respeito das máximas conversacionais que compõem o princípio da cooperação, a análise que se segue visa focar qual a relação entre a violação dessas máximas e o humor no gênero.

Meme 01:



Neste texto, as ações são praticadas por meio dos enunciados/falas dos personagens. Temos, então, dois personagens e a situação retratada inicia quando um deles o ‘menino’⁴ faz um convite à ‘menina’ ao pronunciar o seguinte enunciado: *Posso te convidar pra sair?*; a sequência da história revela que havia um interesse por parte da ‘menina’ de sair com o ele, a fala dela - *Claro que sim!* - e o ‘semblante’ evidenciam tal interesse.

Como podemos perceber, nesta fala, a garota demonstra cumprir todas as Máximas contribuindo positivamente para a conversação, uma vez que apresenta uma resposta sucinta e clara. No entanto, no desfecho da história percebemos que o ‘menino’ profere um enunciado inesperado - *Então, por favor, saia.-* quebrando as expectativas da ‘menina’ que fica visivelmente decepcionada, o que provoca o humor do texto. Tal fato só foi possível devido à quebra da Máxima de Modo, ocorrida no primeiro quadrinho, quando o personagem utiliza um termo que possui mais de uma significação e provoca ambiguidade. Pois enquanto, a intenção dele era convidá-la a retirar-se/ausentar-se do local, ou seja, sair sozinha, de modo a ficar longe dele, ela compreende como se ele estivesse convidando-a a realizar algum passeio juntos, ou seja, sair com ele.

Como fora dito anteriormente, este gênero toma como base questões de interação entre indivíduos em situações do cotidiano, no caso, o diálogo é entre um ‘menino’ e uma ‘menina’, no qual um deles incomoda-se com a presença do outro, enquanto que este demonstra gostar da presença daquele.

No entanto, toda essa interpretação só é possível de ser realizada devido a contextualização da situação comunicativa o que ratifica as palavras de Wilson (2008) ao afirmar que a implicatura conversacional, ou seja, a quebra de uma das Máximas está inteiramente ligada ao contexto.

Meme 02:



No segundo *Meme*, percebemos que a situação a ser retratada tem como personagens *Derp* e sua namorada, remetendo possivelmente às situações corriqueiras entre casais. Diferente do *Meme* anterior, neste os personagens encontram-se em locais diferentes, pois há

⁴ Considerando o fato de, neste gênero textual, os personagens, na maioria das vezes, não possuem nomes que os identifiquem, durante a análise utilizaremos algumas expressões (referentes ao papel social ocupado pelos personagens) para realizar esta identificação, como por exemplo: como ‘menino’, ‘menina’, ‘filho’, ‘mãe’, entre outras.

uma linha que divide o primeiro quadrinho e os separa, além disso, há a imagem de dois celulares, o que indica que trata-se de um diálogo à distância.

A primeira fala é da namorada de *Derp*: - *Ei Derp, onde você se enfiou?*. Como é possível perceber, tanto a fala quanto o semblante da personagem revelam seu estado emocional, que aparentemente é de preocupação/impaciência, seguida de raiva. O namorado, então, responde com o seguinte enunciado: - *Oi amor. Desculpa por não ligar antes ...* Na fala de *Derp*, já percebemos que houve a violação da Máxima de Relação, uma vez que a resposta dada não é pertinente à pergunta, não satisfaz o desejo da outra personagem de saber em que local ele estava, ou seja, a contribuição dada por ele não é relevante à comunicação. Tal fato é comprovado no segundo quadrinho, quando a namorada retoma a pergunta feita anteriormente com a seguinte fala - *Onde você está?*- e seu semblante permanece o mesmo.

Por conseguinte, *Derp* persiste na quebra da mesma Máxima, pois ao invés de apresentar a resposta esperada, ele diz: - *Se lembra daquela joalheria? Que você viu aquele lindo anel e disse que tinha amado ele?*. Ao dizer isto o personagem além de desobedecer à Máxima da Relação, acaba violando também a de Quantidade, pois sua contribuição além de não apresentar a informação necessária, ou seja, não revelar especificamente qual o local em que ele se encontrava, apresenta uma quantidade de informações que ultrapassam o requerido para aquele momento, pois são reveladas: a existência de uma joalheria, a lembrança de uma visita anterior feita pelo casal a este ambiente, a existência de um anel que o outro participante do diálogo além de achar bonito, demonstrou o interesse de possui-lo. Embora tal fala não satisfaça o desejo da outra personagem (a namorada), ela revela um esforço cooperativo e contribui para o sucesso da comunicação, pois em sua fala - *Sim amor* - ela apresenta uma resposta clara, relevante, verdadeira e com a quantidade de informações necessárias para a situação.

O desfecho da história ocorre com a última fala de *Derp*, no penúltimo quadrinho: - *Estou naquele bar que fica do lado.* Mais uma vez o personagem quebra uma das máximas, a de Relação, pois, desta vez, subtende-se que a expectativa da namorada era outra, devido o seu semblante no terceiro quadrinho, que não era mais de raiva, mas de felicidade/emoção, e a resposta do namorado não se faz pertinente àquele instante. O último quadrinho explicita a insatisfação da outra personagem, não por meio de palavras, mas pela expressão/semblante da namorada, que já não era mais de preocupação, nem de esperança/felicidade, mas de fúria/desespero.

Analisando o texto como um todo, percebemos que há uma quebra da Máxima de Modo, uma vez que um dos requisitos para tal Máxima é ser breve, requisito este que o personagem *Derp* não obedece ao ser prolixo em sua resposta, demorando demais para apresentar a informação esperada pela namorada. Neste texto, o humor é provocado pelo conjunto de quebra dessas Máximas, ou seja, pela implicatura conversacional. Vale salientar, que além das quebras, o contexto e as imagens (o texto não verbal) são imprescindíveis para a comicidade do texto.

Meme 03:



Temos neste texto, uma situação na qual possivelmente dois personagens estão se conhecendo e a ‘menina’ inicia a conversa perguntando o nome do ‘menino’. Este por sua vez responde: - *É João, sem o “s”...* – percebemos nesta fala que, apesar dele ter respondido a pergunta, ele extrapolou na quantidade de informações ao dizer “*sem o “s”...*” e, portanto, violou a Máxima da Quantidade. Ainda nesta fala, o personagem não obedece também a Máxima de Modo, pois sua colocação não é clara. Fato que é evidenciado no terceiro quadrinho, quando a garota diz: - *Mas João não tem “s”...* – além dessa fala, percebemos que a expressão/semblante dela demonstra dúvida.

Ao prosseguir a conversa o garoto diz: - *Sim, foi isso que eu disse...* Neste caso, percebemos que esta fala não é relevante e, portanto, quebra a Máxima da Relação. A informação a mais acrescentada pelo garoto no segundo quadrinho é retomada nesta última fala e o excesso de informação apresentado na situação inicial relacionado a esta última fala é o que causa o humor neste texto.

Evidencia-se que no texto em questão as Máximas foram violadas intencionalmente, visando justamente provocar o humor, uma vez que se na situação comunicativa relatada o ‘menino’ tivesse obedecido ao princípio da cooperatividade, dificilmente o humor teria sido gerado.

Meme 04:



Neste *Meme*, já no primeiro quadrinho, percebemos que a situação retratada é um assalto, uma vez que o primeiro personagem aparece com uma arma na mão apontada para os

outros dois personagens, um ‘menino’ e uma ‘menina’, que apresentam semblantes bastante assustados. Apesar de reconhecermos esta situação como um assalto, a primeira fala do assaltante – *Você, garota, qual seu nome?* - não condiz com o que convencionalmente espera-se ser a primeira fala de um assaltante. Geralmente, espera-se que ele anuncie o assalto pedindo algum objeto que é de seu interesse, ou seja, o objeto do furto, mas no quadrinho percebemos que o assaltante não tem esta intenção, já que inicia perguntando o nome da garota, e esta o responde dizendo: - *Júlia...*

Diante deste quadrinho, não criamos nenhuma hipótese a respeito do que o assaltante pretende ao perguntar o nome da garota, apenas geramos expectativas para compreender o restante da história. No segundo quadrinho, o assaltante afirma que não a matará por ela ter o mesmo nome que a mãe dele. Pelo semblante da garota, percebemos que ela realmente acreditou nas palavras do assaltante. No terceiro quadrinho percebemos, de fato, a ‘menina’ escapou da agressão por ter o mesmo nome da mãe do agressor, já que ela não aparece mais.

Grosseiramente o assaltante pergunta o nome do ‘menino’ que responde dizendo: – *Meu nome é João...* Percebemos que o semblante do garoto apresenta agora feições de muito mais medo do que antes, pois ele presumiu que iria morrer, porque não teria justificativa para o assaltante não matá-lo. Buscando escapar da situação e aproveitando que o assaltante o chamou de *viado*, o ‘menino’ diz o seguinte: - *Mas todo mundo me chama de Júlia!* – Com esta fala, o personagem insere informações além do que foi solicitado pelo assaltante, quebrando a Máxima da Quantidade, pois ele excedeu a quantidade de informações que lhe foi sugerida.

Além disso, a informação a mais dada por este personagem não se configura como verdadeira. Ele é um garoto e apenas para escapar da agressão que estava sofrendo, mente dizendo que todos o chamam por nome feminino. Assim, percebemos a quebra da Máxima da Qualidade, uma vez que ele não é verdadeiro em sua informação. O humor neste *Meme* resulta da quebra destas duas máximas no último quadrinho.

Meme 05:



Neste *Meme* a situação retratada consiste num diálogo entre mãe e filho, na qual o filho recorre à mãe para tirar uma dúvida. No primeiro quadrinho, percebemos que o personagem *Le* pergunta à mãe o que é sexo e ela revela-se assustada com o questionamento, como podemos perceber através da sua expressão, que é de espanto. No segundo quadrinho, o autor nos informa que o *Le* tem sete anos de idade.

Visando prosseguir a conversa a mãe diz: - *Bom filho, acho que já eh hora de conversarmos sobre isso!*. Com esta fala percebemos que a mãe interpreta que o filho esta se referindo ao sexo enquanto relação sexual, e inicia, no terceiro quadrinho, uma explicação a respeito deste assunto. No quadrinho seguinte, o *Le* apresenta-se assustado enquanto a mãe encontra-se com semblante de alívio após a conversa de duas horas sobre, o que o autor apresenta ser, um assunto constrangedor, ou seja, sobre sexo. No quinto quadrinho, o filho ainda assustado pergunta a sua mãe: - *Eh isso que eh sexo mãe?!* - e ela afirma que sim.

No sexto quadrinho, o menino, ainda com o semblante assustado, diz: - *Mas no formulário da escola que eu tenho que preencher só tem duas opções: Masculino e Feminino*. Com esta fala percebemos que o *Le* não foi claro ao fazer a pergunta no primeiro quadrinho, pois nela utilizou um termo que possui mais de uma significação, *sexo* que pode significar relação sexual ou definição de gênero masculino e feminino, o que tornou a pergunta ambígua quebrando a Máxima do Modo. Contudo, percebemos que esta ambiguidade não foi gerada de maneira intencional. Devido essa ambiguidade, a mãe não falou somente o necessário, mas extrapolou a quantidade de informações, violando a Máxima de Quantidade.

Ao perceber que a informação pedida pelo garoto era apenas relacionada ao sexo enquanto gênero, no sétimo quadrinho, a mãe demonstra arrependimento ao dizer a seguinte frase: - *O que foi que eu fiz?*- revelando assim reconhecer que falou além do necessário. Constatamos, então, que o humor, neste texto, também foi gerado pela falta de clareza por parte do menino e pelo excesso de informação condida pela mãe resultando na violação das duas máximas anteriormente citadas.

5. Considerações finais

Como pudemos observar, o *Meme do facebook*, conforme as contribuições bakhtinianas, é um gênero discursivo, uma vez que apresenta todos os três critérios abordados por este autor. Constatamos, assim, que este gênero apresenta conteúdo temático relacionado ao dia-a-dia de pessoas comuns e, por isto, o estilo verbal é predominantemente coloquial com bastante apelo ao informal e até mesmo vulgar, em alguns casos. Quanto à construção composicional, este é estruturado em quadrinhos composto por histórias com personagens em imagens padrão. Além disso, este texto tem por característica funcional o divertimento dos usuários da rede *facebook*.

O viés humorístico pôde ser muito bem explicado e/ou comprovado a partir da análise das quebras das Máximas Conversacionais, de Grice. Que, conforme fora explicitado anteriormente, pode ser intencional ou não, e no caso dos textos analisados podemos perceber que tais violações foram intencionais e provocadoras do humor.

Mediante o exposto, constatamos que se por um lado faz parte do humor a imprevisibilidade, contradição ou ruptura com o estabelecido, por outro lado, a análise da quebra das Máximas Conversacionais, ou Implicaturas, nas palavras griceanas, pareceu-nos uma curiosa e oportuna combinação para dar conta das especificidades idiossincráticas do *Meme do facebook*, gênero este que pode apontar para tantos outros estudos lingüísticos, sobretudo aqueles que se preocupam com os gêneros emergentes no meio virtual.

6. Referências bibliográficas

- ARMENGAUD, F. *A pragmática*. São Paulo: Parábola, 2006. p.84-92.
- BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. (1ª edição 1992). Tradução: Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010, p. 262-306.
- BAZERMAN, C. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. Orgs.: Ângela Paiva Dionísio; Judith Chambliss Hoffnagel. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- BRONCKART, J. P. *Atividade de linguagem, textos e discursos. Por um interacionismo sociodiscursivo*. Tradução: Anna Rachel Machado, Péricles Cunha. 2. ed.. São Paulo: EDUC, 2009.
- CANÇADO, M. Atos de Fala e Implicaturas Conversacionais. In: _____. *Manual de Semântica: noções básicas e exercícios*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- COSTA, S. R. *Dicionário de gêneros textuais*. 2. ed. ver. ampl. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- GRICE, H.P. Lógica e conversação. In: DASCAL, M. *Fundamentos metodológicos da linguística*. Vol.IV: Pragmática, Campinas. 1982, p. 81-103.
- LEVINSON, S. C. *Pragmática*. (trad. Luís Carlos Borges, Aníbal Mari). São Paulo: Martins Fontes, 2007. p.121-208.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (Orgs.). *Gêneros textuais: Reflexões e ensino* 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 15-28.
- MASSONI, M. I. O. *O riso diferente*. Alfa. São Paulo: Ed da UNESP, 1995, PP 121 -139.
- OLIVEIRA, Luciano Amaral. Semântica e pragmática. In: _____. *Manual de Semântica*. Rio de Janeiro: Vozes, 2008, p.102- 137.
- PEREIRA, A. E. Na inconsistência do humor, o contraditório da vida: o discurso proverbial e o discurso de alterações. *Tese de Doutorado*. Rio Grande do Sul, PUC-RS, 1994.
- POSSENTI, S. *Pelo humor na linguística*. DELTA, 7(2), 1991. PP 491 – 519.
- _____. *Os humores da língua*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1998.
- POSSENTI, S. & COUDRY, M. I. H. Do que riem os afásicos? *Caderno de Estudos Linguísticos*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1993, PP 47 -57.
- WILSON, Victoria. Motivações pragmáticas. In: MARTELOTTA, M.E (org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto: 2008.